

CONTO POLICIAL

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

“Elementar, meu caro Watson!”

Se algum dia você já escutou essa frase, provavelmente conhece Sherlock Holmes, um dos maiores detetives da ficção. A personagem é um inglês de cachimbo na boca que percorre a cidade de Londres desvendando mistérios nos livros do autor Conan Doyle. Holmes não é o primeiro detetive da literatura, mas, sem dúvida, é um dos mais famosos. Suas histórias servem para explicar um gênero textual: a narrativa policial.

O romance policial tem sempre um elemento investigativo e um crime. Como as formas de usar esses elementos não são sempre as mesmas, esse tipo de romance acaba tendo variações. No conto policial tradicional, temos o crime e sua investigação por uma pessoa (a figura do detetive) que vê o crime de fora. Normalmente, os elementos para “desvendar o caso” estão todos lá, e a brincadeira do leitor é descobrir como tudo aconteceu antes do protagonista. Sherlock Holmes e o Dr. Watson explicam bem esse tipo de história: primeiro acontece o mistério e as pistas são dadas, depois vem Holmes descobrindo o que aconteceu e Watson contando para o leitor todo o resumo. Mas, em outras vertentes (como a *noir*, que quer dizer uma narração mais sombria), as pistas vão aparecendo conforme o detetive chega a elas, então o leitor “descobre” a história junto com o protagonista.



Leia a seguir um trecho inicial de uma das aventuras desse detetive. Observe como ele faz suas deduções e observações, e como isso contribui para aumentar o suspense da narrativa e o interesse do leitor.

TEXTO

Um caso de identidade

[...]

Holmes erguera-se da cadeira e estava de pé entre as persianas entreabertas, observando a insípida e cinzenta rua de Londres. Olhando sobre seu ombro, vi, plantada na calçada oposta, uma mulher robusta, [...] ela lançava olhares furtivos, nervosos e hesitantes para nossas janelas, enquanto seu corpo balançava para frente e para trás e os dedos remexiam nos botões da luva. De repente, num mergulho, como o do nadador que salta da margem, atravessou a rua num átimo e ouvimos o som estridente da campainha.

“Já vi esses sintomas antes”, disse Holmes, jogando o cigarro no fogo. [...] “Podemos presumir que este é um caso de amor, mas que a donzela em questão está menos enraivecida que perplexa, ou magoada. Mas aí vem ela em pessoa para esclarecer nossas dúvidas.”

Ele ainda falava quando ouvimos uma batida à porta; o mensageiro entrou para anunciar a visita de Miss Mary Sutherland [...]. Sherlock Holmes [...] contemplou-a da maneira metódica e ao mesmo tempo abstrata que lhe era peculiar. “Não lhe parece um pouco penoso escrever tanto a máquina, com essa sua miopia?”

“A princípio foi”, respondeu ela, “mas agora sei onde estão as letras sem olhar.” Em seguida, compreendendo de repente o pleno alcance daquelas palavras, teve um violento sobressalto e levantou os olhos, com medo e pasmo estampados em seu rosto largo, bem-humorado. “Já ouviu falar de mim, Mr. Holmes”, exclamou, “senão, como poderia saber disso tudo?”

“Não se preocupe”, respondeu ele, rindo; “saber coisas é o meu ofício. Talvez eu tenha me exercitado para ver o que os outros deixam passar. Do contrário, por que viria me consultar?”

“Estou aqui porque ouvi falar do senhor por Mrs. Etherage, cujo marido encontrou com tanta facilidade [...]. Oh, Mr. Holmes, gostaria que pudesse fazer o mesmo por mim. [...] daria isso tudo para saber o que foi feito de Mr. Hosmer Angel.”

“Por que saiu tão afobada para me consultar?” perguntou Sherlock Holmes, com as pontas dos dedos unidas e fitando o teto. Novamente um ar de espanto pairou no semblante um tanto inexpressivo de Mary Sutherland.

“É verdade, saí de casa de supetão”, disse [...].

[...]

Ela deixou o pequeno maço de papéis sobre a mesa e partiu [...]. Sherlock Holmes continuou sentado por alguns minutos, pressionando umas contra as outras as pontas dos dedos, as pernas esticadas à frente e os olhos fixos no teto. [...]

“Um estudo muito interessante, o dessa donzela”, comentou. “Ela me pareceu muito mais interessante do que o seu probleminha, que, a propósito, é bastante banal. [...] Mas a donzela, em si mesma, foi extremamente instrutiva.”

“Você parece ter visto nela muita coisa que para mim foi totalmente invisível.”

“Não invisível, mas não percebido, Watson. Você não soube para onde olhar e por isso deixou de notar tudo que era importante. [...] Nunca confie nas impressões gerais, meu caro, concentre-se nos detalhes. Meu primeiro olhar é sempre para as mangas de uma mulher. No caso de um homem, talvez seja melhor reparar antes os joelhos das calças. Como você observou, essa mulher tinha pelúcia nas mangas, material excelente para revelar vestígios. A linha dupla um pouco acima do pulso, onde os datilógrafos fazem pressão contra a mesa, estava lindamente definida. [...] Depois passei os olhos pelo rosto dela, e, vendo a marca de um pincenê nos dois lados do nariz, arrisquei a observação sobre a miopia e a datilografia, que tanto pareceu surpreendê-la.”

“Surpreendeu a mim também.”

“Mas certamente era óbvio. Depois fiquei muito surpreso e interessado quando, baixando os olhos, notei que, embora parecidas, as botinas que ela usava eram desemparelhadas; um pé tinha a ponta enfeitada, o outro não. Num deles só os dois últimos dos cinco botões estavam abotoados e no outro, o primeiro, o terceiro e o quinto. Ora, quando se vê uma jovem dama, sob outros aspectos vestida a capricho, sair de casa com botinas desemparelhadas, abotoadas pela metade, não é uma dedução excepcional dizer que saiu afobada.”

[...]

Arthur Conan Doyle. *As aventuras de Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO

Agora é a sua vez de escrever um conto policial!

Pode ser uma releitura de conto *noir* ou do conto tradicional.

Atente-se para o fato de que:

- nos contos *noir*, a trama vai se desenvolvendo aos poucos. Ao começar a ler, você não sabe para onde a história se encaminhava.
- nos contos tradicionais, o detetive sabe mais que todos – como é o caso das histórias de Sherlock Holmes – e, no final, ele explica o que aconteceu.

Para escrever sua história, anote em um rascunho três elementos importantes que todo conto policial apresenta, independentemente do modelo:

- 1) Um protagonista. Decida quem será seu detetive: um policial? Uma pessoa comum? Ele vai saber de tudo “logo de cara”? Ou vai descobrir aos poucos?
- 2) Um crime ou um mistério. Como autor, você tem que saber qual é o crime da história, o porquê, como e onde ele foi cometido.
- 3) Como o protagonista chega à resposta. Escolher se o detetive vai descobrir as pistas do item 2 aos poucos ou imediatamente é que define o formato do conto. Se for criar suspense, opte por mostrar aos poucos. Se quiser criar um jogo com o leitor, apresente todas as pistas e suspeitos no começo, mas veladamente, de modo que o leitor possa tentar descobrir antes da personagem principal.

Com base em suas anotações, faça o rascunho de sua história, lembrando que ela deve ter começo, meio e fim e que a explicação dos acontecimentos deve aparecer somente no final! Use a norma-padrão para escrever.

Antes da versão final, faça a revisão.

Revisão

Verifique se:

- O texto está compreensível e a linguagem está adequada.
- A história tem começo, meio e fim e a resposta do enigma está apenas no final.
- Seu protagonista chega à resposta.
- Há um crime/mistério e se ele é resolvido.

Corrija o que for necessário e faça a versão final em uma nova folha. Dê um título sugestivo para a sua história e entregue-a ao professor.

Bom trabalho!
Profa. Ana Latgé